A CONFIGURAÇÃO DO CRISTIANISMO NUM CONTEXTO PLURI-RELIGIOSO

Mario de França Miranda

Não podemos negar que o encurtamento das distâncias devido à era dos aviões a jato e dos modernos meios de comunicação social, fez com que as grandes religiões da humanidade se tornassem bastante próximas umas às outras. O cristianismo, tendo já que se enfrentar com a cultura moderna e pós-moderna, independentemente de como as podemos entender e avaliar, não pode se furtar ao exame e ao estudo deste fato novo em sua história: os tradicionais sistemas religiosos, até então mantidos fora de seu território e vistos como metas de sua atividade missionária, encontram-se hoje dentro de seu próprio reduto.

Em meio às dificuldades para ser uma presença significativa num mundo sacudido por mudanças múltiplas e aceleradas, e em desvantagem por ter, durante séculos, tematizado sua autocompreensão na cultura ocidental hoje fortemente questionada, constata preocupado o cristianismo a forte atração que exercem em seu meio outras religiões, especialmente as orientais. Elemento determinante desta atual situação é a liberdade religiosa, conquista trabalhosa e demorada da humanidade, que dispensa o Estado moderno da função de controlar as crenças de seus cidadãos. No passado esta tarefa se justificava pela preocupação dos governantes com a unidade política de seus países ou de seu continente, numa época em que a religião era fator determinante desta mesma unidade.

O que se verifica hoje nos países democráticos é que nenhum sistema religioso demonstra ser realmente capaz de impedir que seus fiéis sirvam-se de símbolos, crenças ou práticas religiosas, em profusão na atual sociedade, para fazerem suas escolhas, elaborarem seus sincretismos ou tranqüilamente viverem uma múltipla pertença a vários credos.

Contudo o questionamento maior feito pelas religiões ao cristianismo situa-se num nível mais teórico e afeta necessariamente a própria compreensão que o cristianismo tem de si mesmo. Pois enquanto reivindica dar a explicação última e suprema sobre a totalidade do mundo e da história, deve o cristianismo esclarecer a existência e a persistência das outras religiões no interior do plano salvífico de Deus. Descartá-las, como aconteceu freqüentemente no passado, como deploráveis superstições, plenas de erros e de aberrações, que desapareceriam sem mais ao contato com a verdade cristã, revela apenas ignorância crassa, seja destas mesmas religiões, seja da história do encontro delas com o cristianismo. Pois muitas delas despertam nossa admiração pela profundidade e sublimidade de seus ensinamentos, pela extraordinária coerência ética de muitos de seus fiéis e pela tranqüila e diuturna convivência com o cristianismo.

Nossa reflexão estará centrada numa possível nova configuração do cristianismo diante deste desafio das religiões. Esta configuração entretanto depende da atitude que deverá tomar o atual cristianismo nesta situação nova em sua história, atitude esta que será norteada por marcos teóricos fornecidos pela teologia. Conscientes de que a teologia cristã das religiões constitui hoje um dos campos de maior produção e igualmente de maiores debates no mundo teológico, vamos evitar um tratamento explícito da discussão em curso e oferecer apenas elementos teológicos pertinentes para uma nova configuração do cristianismo.

Falar de configuração e de cristianismo implica levar o discurso para além de uma reflexão estritamente teológica. Este fato vai nos exigir um esclarecimento prévio: primeiramente vamos examinar como se distinguem e articulam *fé cristã e cristianismo* e, em seguida, como se caracteriza uma *religião do ponto de vista sócio-cultural*. Depois de um breve estudo sobre *religião e cultura*, devido à sua íntima e mútua ligação, poderemos abordar a questão teológica propriamente dita. Aí então examinaremos a universalidade da *revelação* e o sentido da mediação de Cristo para a *salvação* do homem. Somente então ganha relevância o *diálogo inter-religioso*, que certamente trará sérias conseqüências para a *configuração futura do cristianismo*. Dito isto já explicitamos as partes de nossa reflexão.

1) *Fé cristã e cristianismo*

Vejamos como se distinguem e como se relacionam *fé e cristianismo*. A fé significa, em seu sentido bíblico, a atitude fundamental do ser humano em resposta à iniciativa salvífica de Deus. Consiste ela em fundamentar a vida em Deus, deixar que Ele dela disponha, orientá-la para sua vontade. A fé envolve assim a totalidade da pessoa.

Também a Bíblia nos ensina que a fé pressupõe um encontro prévio com Deus, uma experiência sui-generis que o ser humano caracteriza como *experiência de salvação*. De fato neste encontro consegue ele resposta para seus anseios mais profundos e certa realização para a complexa condição humana. Esta experiência não é opaca, vazia de sentido, constituída somente pela emotividade em jogo. Ela se dá sempre dentro de um contexto determinado, que a faz humana e a torna inteligível.

Portanto estas experiências salvíficas, intimamente relacionadas à fé do povo eleito, carregam consigo um horizonte de compreensão constituído pela tradição religiosa deste mesmo povo. No caso da primeira geração de cristãos, a experiência salvífica feita com Jesus Cristo implicava não só o horizonte religioso do povo israelita, mas tudo o que era original e único nas palavras e no comportamento de Jesus de Nazaré. Como exemplos poderíamos citar: uma imagem determinada de Deus, uma concepção concreta do homem, uma noção característica de salvação, uma visão ética particular.

A compreensão desta experiência salvífica com Jesus Cristo acontecerá e será expressa dentro do horizonte cultural e religioso dos discípulos. Certamente a experiência com Jesus Cristo poderá ser realizada e proclamada em outros contextos vitais, como de fato se deu pela atividade missionária da Igreja Primitiva. Daqui se compreende a rica pluralidade de expressões desta experiência central no interior do Novo Testamento. Todas tematizam a mesma realidade, mas em contextos sócio-culturais diversos.

Assim já podemos concluir que a fé cristã será sempre vivida, captada e expressa no interior de um determinado horizonte de compreensão¹. Deste modo outras situações a farão ser vivida, captada e expressa diversamente. E mais ainda, ela deverá buscar outras tematizações, se quiser permanecer viva em outros contextos sócio-culturais.

Conseqüentemente a *fé cristã vivida* nunca poderá ser encontrada em "estado puro", mas sempre e necessariamente envolta numa linguagem concreta e mediatizada por um horizonte cultural determinado. O conjunto destas mediações da fé, de ordem individual e social, de cunho ético ou jurídico, é o que chamamos de *cristianismo*. Já Santo Tomás afirmara claramente que a religião não é a fé, mas sim a manifestação, o anúncio, o testemunho da fé, através de alguns sinais exteriores². Trata-se portanto de uma grandeza sócio-cultural, fruto do

¹ Clodovis BOFF, A religião contra a fé?, *Voices* 63 (1969) 99-116; Max SECKLER, Der theologische Begriff der Religion, in: W.KERN-H.POTTMEYER-M.SECKLER, *Handbuch der Fundamentaltheologie, 1. Traktat Religion*, Freiburg, 1985, 173-194.

² *Summa Theologica* II-II 94, 1 ad 1.

esforço humano para conservar viva a fé salvífica em contextos diversos e para gerações sucessivas, mas que tem sua origem na iniciativa salvífica de Deus.

2) A religião na perspectiva sócio-cultural

Falar de configuração do cristianismo significa abordá-lo como religião no nível sócio-cultural.

Toda religião apresenta, com maior ou menor sistematização e profundidade, uma visão da realidade, do homem e da história e juntamente com ela um *ethos*. Sabemos que os padrões culturais selecionam, ordenam e tornam inteligível o caos das experiências sucessivas feitas pelo homem. Ao contrário dos outros animais, dotados de reflexos inatos diante de determinadas situações, o ser humano goza de tal possibilidade múltipla de respostas que, desprovido de padrões culturais, nem mesmo conseguiria se desenvolver humanamente.

Os padrões culturais atuam semelhantemente ao patrimônio genético nos animais, induzindo reações típicas diante de certas situações, embora sejam fontes externas, e não internas, de informação. Atuam portanto como *modelos para* a realidade. Mas os padrões culturais consistem também num sistema simbólico que pretende não “padronizar”, mas simplesmente “representar” a realidade, exprimindo-a em outro meio para que ela possa ser apreendida como algo que tem sentido, que pode ser expresso num conceito objetivo. Assim são também *modelos da* realidade. Naturalmente ambos modelos se reforçam mutuamente, pois são apenas aspectos da mesma realidade³.

Principal consequência da cultura é induzir no ser humano um conjunto próprio e distinto de *disposições*, que fornecem continuidade ao fluxo das atividades e qualidade às experiências feitas. Podemos portanto dizer que num determinado quadro cultural terá o homem propensão, capacidade, habilidade ou mesmo hábito para entender assim, e não diversamente, suas experiências sucessivas, e para dar este sentido, e não aquele, à sua ação. Deste modo o *ethos* próprio de um indivíduo ou de uma coletividade aparece como o modo de vida que é razoável e correto no interior de uma determinada *visão do mundo*. Conseqüentemente esta última fundamenta escolhas morais como algo que deve ser assim (sentido comum), enquanto o *ethos*, por sua vez, reforça esta mundividência ao invocar sentimentos morais profundamente vividos como argumentos para a verdade da mesma a partir da experiência. Juntas, mundividência e modalidade de vida, conferem a uma cultura características de estabilidade e de inevitabilidade.

³ Clifford GEERTZ, *The Interpretation of Cultures*, New York, 1973, 93s.

A religião aparece dentro desta perspectiva como a substância mesma da cultura⁴. Ela oferece à visão do mundo a questão do *sentido último* e ao ethos sua motivação mais profunda. E age sobre o homem semelhantemente aos padrões culturais.

3) *Cristianismo e cultura*

Tendo presente os pressupostos anteriormente vistos podemos dizer que o encontro de duas religiões é antes de tudo o encontro de duas culturas. Naturalmente podemos pensar o caso de duas religiões no interior da mesma cultura ou mesmo de uma mesma "fé" existindo em culturas diferentes. Mas, em geral, o que a história até hoje nos apresenta são religiões diversas subsistindo em culturas diversas.

A vinculação da religião com a cultura é dado histórico incontestado e pode ser entendida como consequência da socialização da crença. No cristianismo, pela fé no Deus criador de tudo o que existe, este nexó é radicalizado. Mas mesmo em outras religiões encontramos a reivindicação de oferecer um sentido último a *toda a realidade*. Isto significa que a totalidade do que pertence à experiência ou ao saber humano deve ser atingida pela luz proveniente da crença religiosa. Na medida em que setores da atividade humana, campos do conhecimento ou rincões da experiência permanecerem fora desta iluminação perde a religião força e credibilidade⁵.

A cultura representa exatamente o modo humano de se organizar socialmente e de enfrentar os desafios da natureza através de um conjunto de sentidos, padrões e símbolos, incorporados ou subjacentes às experiências vitais e respectivas expressões de um grupo social. Deste modo as elaborações culturais do ser humano estão em íntima relação com o contexto social em que vive. Este contexto se configura e se caracteriza por uma série de situações existenciais, vividas de um determinado modo por seus membros. Esta *modalidade de vida* constitui a cultura deste grupo social, que é, portanto, não apenas representação da conduta real do grupo em questão, mas que implica igualmente o *estar-sendo-vivida-de-fato* pelo mesmo.

Cultura implica portanto uma unidade fundamental de *ação e representação*, unidade encontrada sempre em todo comportamento social. Daí sobreviverem os padrões culturais na medida em que persistirem

⁴ "Religion is a system of symbols which acts to establish powerful, pervasive, and long-lasting moods and motivations in men by formulating conceptions of a general order of existence and clothing these conceptions with such an aura of factuality that the moods and the motivations seem uniquely realistic." IBID. 90.

⁵ W. PANNENBERG, Die Religionen als Thema der Theologie, *ThQ* 169 (1989) 105.

as situações que lhes deram origem. Enquanto produção simbólica só gozam de eficácia na medida em que são vividos e atualizados na ação social concreta. A cultura aparece assim simultaneamente como condição e produto desta mesma ação⁶. Esta afirmação vale igualmente para a religião.

Daí podermos concluir que somente através da cultura poderá o cristianismo, ou qualquer outra religião, levar sua luz e sua salvação às experiências, atividades e expressões de um grupo social. Pois é exatamente no interior de um horizonte cultural que estas experiências, atividades e expressões se constituem *como humanas*. E como o cristianismo representa a fé cristã vivida e expressa numa determinada cultura (pensemos na ocidental), então querer realmente chegar a impregnar a vida de um povo significa para este determinado cristianismo reconhecer a “contextualidade” de muitos de seus elementos e permitir que a fé possa ser vivida e entendida por homens de outra cultura.

Viver a *mesma* fé cristã num *outro* contexto sócio-cultural implica todo um difícil e lento processo. Pois trata-se de deixar que os que *vivem* nesta e desta cultura possam fazer com que as verdades e os valores evangélicos passem também a constituir o seu horizonte sócio-cultural. Pois só assim o Evangelho chega à raiz de uma cultura, constituindo-se luz fundante e princípio integrador na *cosmovisão* e consequentemente no *ethos* de um povo, de onde serão forjadas expressões, padrões e práticas sociais cristãs. Só assim *nasce* mais um cristianismo.

Vale a pena sublinhar que a inculturação supõe a *vivência cristã*. Pois trata-se de realizar a experiência salvífica feita com Jesus Cristo pela primeira geração de cristãos, que acontecerá na medida em que as experiências *humanas* (horizonte cultural), feitas nas situações existenciais deste contexto social, forem *vividas*, captadas e afirmadas como experiências *salvíficas* (horizonte cultural cristão). Mas este fato implica que a luminosidade que as faz inteligíveis e a motivação que as torna factíveis provenham da fé cristã. É o próprio Evangelho que desencadeia a experiência, no interior da qual é devidamente entendido e captado como mensagem de salvação.

A conclusão a que chegamos é de suma importância para o nosso tema: para se dar um verdadeiro encontro entre as religiões é fundamental que cada uma delas possa se apresentar e ser conhecida em sua própria identidade. O que não acontece quando uma delas é interpretada e entendida em outro horizonte de compreensão, que acaba por deformá-la e falseá-la⁷.

⁶ Eunice R. DURHAM, A dinâmica cultural na sociedade moderna, *Ensaio de Opinião* n.4 (1977).

⁷ George A. LINDBECK, *The Nature of Doctrine. Religion and Theology in a Postliberal Age*, Philadelphia, 1984, 48s.

4) Teologia cristã das religiões

A configuração futura do cristianismo num contexto pluri-religioso irá depender, em grande parte, da avaliação das outras religiões pela fé cristã. Esta afirma a existência de um só Deus, criador de *toda* a realidade, do qual recebem inteligibilidade o mundo e a história. E além disso professa que este Deus quer a salvação de *todos* os homens e mulheres. Para ser coerente mantendo estas verdades deve o cristianismo conciliá-las com o fato das outras religiões⁸. O Deus dos cristãos é o Deus e Salvador de todo o gênero humano. Examinaremos portanto a universalidade da revelação e da salvação de Deus.

a) A questão da revelação:

Mesmo que a razão não chegue a provar a existência de Deus, apresenta contudo a própria natureza do homem uma abertura para o infinito e para o absoluto. Este horizonte não temático presente na transcendentalidade humana, embora não conhecido expressamente como Deus, constitui por assim dizer o fundamento para o discurso explícito sobre Deus que encontramos nas religiões⁹.

Este discurso não nasce diretamente de uma experiência religiosa, pois esta pressupõe já um determinado horizonte de compreensão, já que toda experiência humana, enquanto humana, é sempre experiência interpretada¹⁰. E mesmo a palavra "Deus" está aqui mais como elemento interpretativo do que como descrição de um conteúdo, pois apenas aponta para a explicação última de toda a realidade.

Este discurso enquanto implica um *conhecimento de Deus* só pode ter sua origem no próprio Deus. Pois se o homem pudesse, por suas próprias forças, despojar a divindade de seu mistério e de sua transcendência, Deus não mais seria Deus. E este discurso enquanto obra humana estaria em contradição com a própria idéia de Deus. Portanto Deus só pode ser conhecido se Ele mesmo se dá a conhecer. Caso contrário permanece inacessível ao homem¹¹.

Portanto Deus é conhecido na medida em que se revela. Fé na revelação de Deus é no fundo fé que a realidade divina pode ser

⁸ Como afirma W.C. SMITH: "We explain the fact that the Milky Way is there by the doctrine of creation, but how do we explain the fact that the Bhagavad Gita is there?". Citado em H.DOERING-A.KREINER-P.SCHIMDT LEUKEL, *Den Glauben denken*, Freiburg, 1993, 85.

⁹ K. RAHNER, Bemerkungen zur Gotteslehre in der katholischen Dogmatik, *Schriften zur Theologie* VIII, Einsiedeln, 1967, 165-186.

¹⁰ E. SCHILLEBEECKX, Erfahrung und Glaube, in: *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft* 25, Freiburg, 1980, 73-116.

¹¹ W. PANNENBERG, *Systematische Theologie I*, Göttingen, 1988, 207.

conhecida e que o próprio Deus é o autor deste conhecimento. Na medida em que proclama um Deus que quer a salvação de *todos os homens e mulheres*, deve o cristianismo, para ser coerente com sua imagem de Deus, estender a revelação a *todos* os seres humanos. Pois a salvação acontece na acolhida desta revelação pela fé. Deste modo admite o cristianismo a autocomunicação de Deus dando-se fora de suas fronteiras.

Admitir esta conclusão leva-nos a enfrentar a espinhosa questão das diferentes representações de Deus nas diversas religiões. Querer argumentar *a priori* que lidamos com divindades diversas é não tomar em consideração a mediação sócio-cultural presente em qualquer experiência do transcendente. De fato para ser captada na fé como experiência *de Deus* implica ela necessariamente uma interpretação efetuada no interior de um horizonte sócio-cultural e religioso. Este pode favorecer determinadas expressões e dificultar ou impedir outras¹².

Não afirmamos que uma mesma experiência recebe tematizações diversas devido aos diversos horizontes nas quais acontece. Pelo fato de que a interpretação entra na constituição da própria experiência como tal, temos realmente experiências diversas da mesma realidade. Deste modo representações diversas de Deus tal como é concebido pelo cristianismo não implicam *sem mais* falsas imagens ou pseudo-experiências.

Deve-se notar também que a história das religiões apresenta uma tal riqueza e pluriformidade de expressões religiosas que as analogias e as semelhanças caminham de par com as divergências e as contrariedades. Mas de qualquer modo permanece a questão: são válidas as diversas representações de Deus, de tal modo que nenhuma delas apareça como a única verdadeira? Neste caso seriam todas elas relativas e nenhuma delas poderia se considerar exclusiva.

Contudo uma teologia *cristã* das religiões não pode prescindir da manifestação de Deus em Jesus Cristo. Pois neste evento aparece o que há de mais característico no cristianismo do ponto de vista revelatório e salvífico. Tentar romper o vínculo único e exclusivo de Jesus Cristo com Deus separando Cristo-logia de Teo-logia equivale a destruir a própria fé cristã. Jesus Cristo é revelação última de Deus, que não mais poderá ser ultrapassada, pois já presente no irromper do Reino definitivo em suas ações e palavras, bem como na presença antecipada do escatológico em sua ressurreição¹³. E do ponto de vista

¹² "There are numberless thoughts we cannot think, sentiments we cannot have, and realities we cannot perceive unless we learn to use the appropriate symbol systems". G. LINDBECK, Op. cit. 34.

¹³ W. PANNENBERG, art. cit. 108.

salvífico Jesus Cristo não é apenas mediação manifestativa ou normativa, mas sobretudo *constitutiva* da salvação. Por ser Filho de Deus é mediador salvífico único e universal. Aqui está a especificidade da soteriologia cristã: Deus mesmo é o mediador!¹⁴ Portanto em Jesus Cristo se revela uma realidade de Deus que é *interna* ao próprio Deus, daí poder Ele ser revelação de Deus¹⁵.

Confessando a *revelação* plena e definitiva de Deus em Jesus Cristo, como articular a mesma com o que as outras religiões reivindicam também como revelação de Deus? Confessando que a *salvação* nos foi gratuitamente dada através da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, como articular a mesma com as outras mediações salvíficas oferecidas pelas religiões?

Quanto à revelação de Deus em Jesus Cristo não afirmamos que ela tenha sido adequada ou abrangente, pois a experiência de Deus feita por Jesus foi finita e contextualizada como toda e qualquer experiência humana¹⁶. O que não impede ter sido ela *correta e verdadeira*. Esta última afirmação não significa desvalorização ou menosprezo das representações de Deus de outras religiões. Apenas pretende atestar algo central para a fé cristã, cujas expressões não podem ser relativizadas e intercambiáveis sob pena de se autodestruir. Também não elimina o caráter proléptico das expressões cristãs que apontam para uma realidade que só será plenamente conhecida na outra vida. "Agora vemos num espelho e de modo confuso, então, porém, veremos face a face" (1 Cor 13,12). Deste modo a dimensão escatológica da mensagem cristã nos oferece uma verdade voltada para e aberta ao futuro¹⁷.

O discurso cristão sobre Deus tenta exprimir o inexprimível, a saber, o horizonte infinito que possibilita o conhecimento finito e que não pode ser conhecido no interior de outro horizonte. Mesmo autocomunicando-se ao ser humano Deus permanece *mistério* para o mesmo, mistério que se nos faz próximo em Cristo e no Espírito. Não indica isto o caráter análogo de nossos conceitos de Deus? Não pretendem eles pôr-nos diante do mistério de Deus já que desempenham uma função mais mistagógica do que descritiva?¹⁸

¹⁴ Adolphe GESCHÉ, *Le christianisme et les autres religions, Revue Théologique de Louvain* 19 (1988) 317.

¹⁵ Joseph DORÉ, *Foi en Dieu et identité chrétienne*, in: J. DORÉ (ed.), *Sur l'identité chrétienne*, Paris, 1990, 199.

¹⁶ Jacques DUPUIS, *Jésus-Christ à la rencontre des religions*, Paris, 1989, 223.

¹⁷ Armin KREINER, *Überlegungen zur theologischen Wahrheitsproblematik und ihrer ökumenischen Relevanz*, *Catholica* 41 (1987) 121s.

¹⁸ Mario FRANÇA, *O Mistério de Deus em nossa vida*, S. Paulo, 1975, 181-214.

Tendo em consideração também que a experiência dos primeiros discípulos com Jesus Cristo foi necessariamente contextualizada e que experiências autênticas de Deus em outros horizontes sócio-culturais e religiosos terão inevitavelmente outras expressões, não se vê porque o cristianismo não possa ser enriquecido em sua autocompreensão pelas outras religiões. Pois estas podem salientar aspectos da verdade e oferecer outras leituras do evento salvífico de Jesus Cristo graças a outros horizontes sócio-culturais.

Além disso as expressões cristãs e não cristãs de Deus só poderão ser *corretamente* confrontadas quando estiverem situadas dentro de um *horizonte comum*, sob pena de serem deturpadas e falsificadas. Neste sentido até expressões aparentemente contraditórias podem estar se referindo à mesma realidade devido ao diferente contexto. Pois o transcendente é sempre experimentado e pensado humanamente.

b) A questão da salvação

A imagem do Deus do cristianismo como de um Deus que quer a salvação de *todos* os seres humanos questiona não só a particularidade de uma revelação histórica feita a um determinado povo numa determinada época, mas também o fato desta salvação depender da figura concreta de Jesus Cristo. Aqui se concentra a problemática soteriológica do cristianismo num contexto pluri-religioso.

Reconhecendo a possibilidade da revelação de Deus em outras religiões, afirmando não estar a graça de Deus circunscrita ao cristianismo e sendo essencialmente o homem um ser social e cultural, devemos concluir que as religiões, como grandezas sócio-culturais, são de fato *mediações salvíficas* para seus membros¹⁹. Na verdade são elas que tematizam o discurso sobre Deus, embora na fragilidade, limitação e falhas próprias do ser humano. Mas deste modo o colocam diante do sentido último da sua existência e o tornam consciente da realidade de sua salvação²⁰. Assim para o homem de coração sincero, que segue os ditames de sua consciência, a prática coerente das próprias tradições religiosas significa a adesão implícita à oferta salvífica de Jesus Cristo (DA 68).

Sempre vale a pena sublinhar que a mediação salvífica das religiões é de cunho *sacramental* enquanto visibilizam a oferta salvífica de Deus e *funcional* enquanto conscientizam o homem para responder à mesma. Pois assim como só Deus pode se revelar a si próprio, do

¹⁹ Karl RAHNER, *Das Christentum und die nichtchristlichen Religionen, Schriften zur Theologie V*, Einsiedeln, 1962, 136-158.

²⁰ W. PANNENBERG, art. cit. 102.

mesmo modo só Deus pode salvar o ser humano. Somos sempre salvos *por* Deus, podendo sê-lo *em* e *através* de uma religião²¹. Neste sentido nenhuma religião propriamente salva, nem mesmo o cristianismo.

Se esta afirmação corresponde ao caráter *universal* da salvação cristã, esta mesma fé nos adverte termos sido salvos por Jesus Cristo, fundamentando a salvação num evento localizado no espaço e no tempo, num acontecimento histórico e portanto *particular*. Como pode uma realidade situada no interior da história reivindicar uma importância e um alcance que transcendem a própria história? A coerência do discurso cristão sobre Deus que salva depende portanto de articular o universal com o particular. É *Deus* quem nos salva em seu desígnio eterno de se autocomunicar a nós; somos salvos pelo amor infinito de Deus. É *Jesus Cristo* quem nos salva em sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição; somos salvos pela entrega ativa de Cristo por nós. Como articular estas duas afirmações?

A autocomunicação de Deus tem em Jesus Cristo sua manifestação histórica e seu fundamento. *Manifestação histórica*, pois a história de Jesus Cristo é exatamente a história de Deus que se autocomunica (Rm 8,39; 1 Jo 4,9), determinando o que significa esta expressão e o que seja salvação cristã. *Fundamento*, pois esta vontade salvífica, por sua manifestação histórica (Jesus Cristo), se *realiza* e se torna uma realidade irreversível²². Vontade salvífica e sua manifestação histórica portanto não se articulam como causa e efeito relacionados como que de fora, mas como momentos internos de uma totalidade, os quais se condicionam e fundamentam mutuamente²³. Para a fé cristã não existe uma Teo-soteria que não seja também Cristo-soteria.

Querer conceber o *Logos de Deus* prescindindo do Jesus da história é ir contra os textos neotestamentários e esvaziar este termo de seu conteúdo cristão, de tal modo que ficaria difícil saber de que estamos afinal falando. O mesmo se diga de uma ação do *Espírito Santo* que ignorasse a pessoa de Jesus Cristo, pois ao se manifestar na vida de Jesus levando-o à entrega total ao Pai, e na vida dos cristãos levando-os a assumir esta mesma atitude fundamental, não mais podemos conceber uma ação salvífica do Espírito que não pretenda plasmar Cristo em nós²⁴.

²¹ Michael AMALADOSS, *Making all Things New*, Gujarat, 1990, 250.

²² "It is... difficult to claim, as some pluralists do, that one can recognize God's action everywhere in history without a normative revelatory event in which God is definitively revealed and recognized". G. D' COSTA, *Theology and Religious Pluralism*, Oxford 1986 132.

²³ Karl RAHNER, *Das christliche Verstaendnis der Erloesung*, *Schriften zur Theologie* XV, Einsiedeln, 1983, 236-250.

²⁴ Walter KASPER, *Jésus le Christ*, Paris, 1976, 406-410.

Naturalmente a resposta do homem a esta ação pode acontecer *diversamente* devido aos diferentes contextos sócio-culturais e às várias tradições religiosas. Assim como as expressões religiosas estão em íntima dependência do meio cultural, do mesmo modo as *práticas*, que receberão sentido e importância no interior de determinada tradição. Portanto a diversidade das respostas com relação aos padrões cristãos não desqualifica *sem mais* uma possível autenticidade. Naturalmente os estudiosos apontam constantes nas mais diversas culturas e religiões, que denotam seu humanismo e sua sensibilidade ao transcendente, e que devem ser respeitadas. Mas mesmo o amor fraterno, que aparece no cristianismo como o critério salvífico decisivo, pode não ter a mesma importância no interior de outra tradição religiosa que, apresentando uma meta religiosa de outro gênero (por exemplo o *nirvana*), priorizará outras práticas. E, sem dúvida, dada a íntima conexão entre visão religioso-cultural e comportamentos éticos, poderá o cristianismo aprender a valorizar mais certas atitudes próprias, a relativizar outras, ou simplesmente avaliá-las diversamente.

5) O diálogo inter-religioso

Do que vimos até aqui aparece cada vez mais claro que o encontro das religiões é no fundo um encontro de horizontes. E é somente na medida em que aceitamos o outro horizonte em sua alteridade que chegamos à identidade verdadeira de uma religião. A abordagem teórica de questões fundamentais, tal como bem limitadamente apresentamos, mostra-se realmente necessária para nos mostrar os marcos próprios da fé cristã, para nos revelar a complexidade da questão e para nos orientar na atitude cristã correta diante das religiões.

Mas esta abordagem revela-se insuficiente por permanecer dentro de um *mesmo* quadro cultural-religioso e examinar a questão numa ótica especulativa e acadêmica. Daí a necessidade da experiência real com pessoas de outras religiões (DA 14), da "práxis do diálogo" e de se colocar no nível existencial do chamado de Deus e da resposta pessoal do homem²⁵, que abrem perspectivas e oferecem *insights* inacessíveis a uma abordagem apenas teórica. De fato somente a *experiência do encontro* pode problematizar e conseqüentemente ultrapassar os limites de um determinado horizonte, sempre que não puder ser por ele totalmente equacionada e explicada. Deste modo ela o questiona, o alarga, o modifica, o enriquece. Se sempre pensamos dentro de um modelo e se nos é inacessível um metamodelo de pensamento, só nos resta um multimodelo, veiculado pelo diálogo inter-religioso, para então compreendermos a realidade do outro. Tal diálogo ganha assim status de princípio heurístico e de quadro hermenêutico.

²⁵ Michael AMALADOSS, *Walking Together*, Gujarat, 1992, 8.

De fato não há propriamente encontro de religiões e sim de homens e mulheres religiosos. A percepção da outra religião acontece menos pelo exame do sistema religioso e mais pela experiência com pessoas que o vivem. Através de seu nível moral e espiritual demonstram elas a ação de Deus e justificam suas religiões como mediações salvíficas²⁶.

6) Uma nova configuração do cristianismo

Não vamos nos entregar a um exercício de imaginação ou a um estudo de futurologia, mas simplesmente explicitar algumas consequências do que vimos anteriormente para o cristianismo do próximo século. E mesmo assim conscientes, graças aos ensinamentos da história, que um determinado cristianismo resulta da confluência de múltiplos fatores, sendo que alguns deles não foram considerados em nosso estudo.

Cristianismo inculturado e plural: a pluralidade de cristianismos inculturados terá também sua origem no encontro com outras religiões. Pois estas lhe oferecerão outros horizontes de leitura de seu patrimônio de fé. Assim, por exemplo, a soteriologia hinduísta pensa mais holisticamente o corpo e o espírito, Deus e o mundo, o indivíduo e a comunidade, o que pode enriquecer e corrigir a atual concepção de salvação cristã marcadamente antropocêntrica²⁷. O hinduísmo pode revalorizar a dimensão cósmica e a ação presente de Cristo, assim como as religiões africanas a sua figura de taumaturgo²⁸. Naturalmente estas compreensões enriquecidas da fé repercutirão na própria configuração do cristianismo.

Maior peso terão as novas experiências cristãs vividas e expressas em outros horizontes mesmo religiosos. Exatamente porque novos horizontes *possibilitam* modos distintos de experimentar, de entender, de expressar e de celebrar o mesmo evento salvífico. Tudo isto plasmará cristianismos distintos por suas celebrações litúrgicas, suas práticas religiosas, sua vivência ética, sua organização comunitária, seus símbolos religiosos, sua valorização de outras dimensões do ser humano, como a dança, a expressão corporal, o sentimento.

Com isto teremos um cristianismo policêntrico que, em meio à pluralidade e diversidade das expressões e práticas cristãs, acentuará

²⁶ Michael AMALADOSS, *Inter-Religious Dialogue: a View from Asia* (ainda não publicado).

²⁷ Michael VON BRUECK, *Heil und Heilswege im Hinduismus und Buddhismus - eine Herausforderung für christliches Erlösungsverständnis* in M. VON BRUECK-J. WERBLICK (Hrsg.), *Der einzig Weg zum Heil?*, Freiburg, 1993, 62-106.

²⁸ Horst BUERKLE, *Die Theologie der Religionen und die Christologie*, *MThZ* 41 (1990) 3-19.

mais os fatos básicos do agir salvífico de Deus na história. Pois o querigma primitivo goza de uma normatividade mais universal do que as sistematizações teológicas posteriores, mesmo como pronunciamentos do magistério²⁹.

Cristianismo atualizado e em permanente evolução pois desde que tenha conseguido uma inculturação que, como estamos constatando, não pode prescindir de uma certa "in-religionação"³⁰, torna-se mais fácil ao cristianismo acompanhar as mudanças sócio-culturais surgidas em seu próprio contexto vital. Pois não mais poderá o eurocristianismo, como cristianismo *tout court*, arbitrar, e frequentemente frear, a necessária evolução das expressões e das práticas cristãs em outros contextos.

É fundamental conhecer as verdades cristãs, porém mais importante ainda é, neste *horizonte cristão*, experimentar a si próprio, relacionar-se com os outros, entender a natureza, captar disposições, ter sentimentos, assumir práticas. Por se encontrarem mais próximos à vida concreta os cristianismos futuros serão mais criativos. O horizonte cristão deverá ser mais valorizado enquanto acontecimento comunitário, que nos chega através do ritual³¹, da oração, do exemplo, do compromisso comum, dos ideais partilhados.

Deste modo caberá mais aos próprios cristãos, naturalmente com os pastores e os teólogos, a tarefa da configuração destes cristianismos. A sensibilidade cristã destes homens e mulheres (*sensus fidei*) avaliará a sintonia das novas expressões e práticas com o Evangelho. Pois um enunciado religioso só é devidamente entendido quando alguém capta seu horizonte e pratica seu modo de vida. A verdade intrassistêmica é pressuposto para se chegar à verdade ontológica³².

Cristianismo irradiante e missionário pois a fé se propaga pela proclamação e pela vivência dos cristãos. Sendo plural e atual deixará o cristianismo melhor *transparecer* a mensagem evangélica, fazendo-a ser entendida em seu núcleo salvífico e assim liberando sua força atrativa, seu poder transformador, sua virtualidade estruturante, sua densidade mística, sua significação eterna.

²⁹ Joseph RATZINGER em seu comentário ao texto da INTERNATIONALE THEOLOGENKOMMISSION, *Die Einheit des Glaubens und der theologische Pluralismus*, Einsiedeln, 1973, 47.

³⁰ Andrés Torres QUEIRUGA, *El diálogo de las religiones*, Madrid, 1992, 34-38.

³¹ O ritual implica "worldview" e "ethos" e, ao dele participar conscientemente, experimenta o homem como ambos se encontram e se reforçam; deste modo ganha maiores disposições e motivações, e torna-se mais convicto de sua leitura da realidade. Ver C. GEERTZ, op. cit. 112s.

³² "Thus the proper way to determine what "God" signifies, for example, is by examining how the word operates within a religion and thereby shapes reality and experience". LINDBECK, op. cit. 114.

Naturalmente a Boa-Nova continuará a ser transmitida na fragilidade, na limitação, na ambigüidade e na incoerência da condição humana. Mas o cristianismo como grandeza sócio-cultural não mais dificultará que a luz e o calor do amor de Deus revelado em Jesus Cristo chegue como tal a todos os homens.

Cristianismo desafiado e mais consciente. Desafiado por outras visões e práticas religiosas, não mais vistas fora de seus horizontes como esquisitas, inferiores ou simplesmente falsas, vê-se o cristianismo provocado e atraído por tudo o que lhe parece positivo nas outras crenças. Além disso estas crenças apresentam-se críticas diante do humanismo ocidental bastante vinculado ao cristianismo tradicional. Como reação os cristãos terão uma *consciência* maior do que lhes constitui a identidade, do que lhes é específico, do que lhes é mais essencial. A desvinculação de fé cristã e humanismo ocidental reforçará esta mesma consciência.

Cristianismo unido às outras religiões na promoção da paz e da justiça. A racionalidade funcional e econômica hoje dominante tende a gerar uma cultura imanentista. As religiões são as instâncias que trazem o discurso da transcendência e oferecem referências éticas à humanidade. Para obterem *credibilidade* no mundo de hoje não podem ser fatores de divisão, conflito ou injustiça, como aconteceu no passado. E sim trabalhar juntas por uma paz duradoura e por uma justiça efetiva entre as nações. A iniciativa de João Paulo II com o dia de oração pela paz no mundo, que teve lugar em outubro de 1986 na cidade de Assis, com representantes de várias religiões, foi um evento paradigmático para o futuro.

Aí estão alguns traços que configuram o cristianismo numa sociedade pluri-religiosa. Que Deus nos permita vivê-lo, colaborando ativamente para a sua vinda.

Mario de França Miranda S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte - MG).

Endereço: Rua M. de S. Vicente, 293 — 22451-041 Rio de Janeiro - RJ